

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA INICIAL DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Gabriella Barbosa Rodrigues\*

Pedro Paulo A. Funari\*\*

**Resumo:** O artigo apresenta considerações sobre os inícios da arqueologia bíblica. Destaca os primeiros esforços a partir do século XIX, ressaltando que a partir deste período verifica-se um interesse maior dos europeus e dos norte-americanos para com o Oriente Próximo. Muitas expedições arqueológicas do período, além do interesse teológico na confirmação de afirmações bíblicas, estão envolvidas com interesses militares em busca do mapeamento e do conhecimento profundo daquela região.

**Palavras-chave:** Arqueologia bíblica, mapeamento, cultura material, Palestina

**Abstract:** *The present article presents considerations about the beginnings of biblical archaeology. It highlights the first efforts from the nineteenth century, noting that beginning with that period there is a greater interest of Europeans and Americans for the Middle East. In addition to theological interest in the confirmation of biblical statements, many archaeological expeditions of the period are involved with military interests in search of mapping and deep knowledge of the region.*

**Key words:** *biblical archaeology, mapment, material culture, Palestine*

**A** Arqueologia Bíblica surgiu como uma maneira de confirmar o texto bíblico. Seu objetivo inicial era, antes de tudo, comprovar, por meio da cultura material, a narrativa bíblica. Neste artigo, esboçamos algumas considerações preliminares sobre os inícios da disciplina.

Num cenário mais amplo, havia, especialmente desde fins do século XVIII, um crescente interesse pelo estudo de antigos monumentos e cidades. À curiosidade a respeito das “grandes civilizações do passado”, aliava-se uma busca pelas raízes da civilização Ocidental. Roma Antiga e Grécia Clássica eram os maiores alvos dessa empreitada, mas as chamadas “terras da Bíblia” destacaram-se também nesse rol (ver, por exemplo, Díaz-Andreu, 2007, p. 131; Silberman, 1982 e 1989). Vista como a “herança espiritual” dos povos europeus, a região serviu, aos nascentes impérios cuja base religiosa era o Cristianismo, como fonte de um passado nobre e glorioso.



*O valor de vestígios antigos estava diretamente relacionado ao seu papel na história das religiões judaico-cristãs. Obviamente, isso dizia respeito, sobretudo, à arqueologia na Palestina, mas a arqueologia da Mesopotâmia, a de certas partes do Egito e a de outras áreas, tais como Líbano e Turquia, também sofreram, até certo ponto, essa influência. (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 132)*

Foram essas potências imperiais européias que financiaram, ao longo de todo o século XIX, as expedições de campo na Palestina. Ao lado da motivação religiosa, havia um interesse no valor econômico da *reliquia*. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, viajantes serviram a seus países como “coletores de informações com fins sócio-políticos e econômicos” (MOURAD, s/d, p. 9). É, em especial, graças à exploração desse período que hoje muitos museus europeus estão repletos de *reliquias, souvenirs*, da região da Palestina.

A relação entre política e religião é um tema bastante sensível em toda a região do Oriente Próximo nos dias de hoje. Àquela época, os termos praticamente se confundiam por completo. Durante a existência do Império Turco-Otomano (séculos XVI a XX), os europeus tinham acesso muito limitado à região da Palestina. Apenas no século XIX, graças ao domínio britânico sobre o Egito, iniciou-se a derrocada desse controle otomano, a qual se consolidou de vez depois da I Guerra Mundial, quando a Inglaterra obteve oficialmente o controle da Palestina e da Mesopotâmia. Entretanto, é possível dizer que durante o controle otomano, por meio de práticas ilícitas, “reliquias da Terra Santa” chegavam à Europa.

Nesse cenário de disputa entre potências européias e o Império Turco-Otomano, a Arqueologia foi utilizada como ferramenta:

*“[...] o uso do passado do Oriente Próximo e de suas glórias deu a esses modernos impérios o poder que eles precisavam: a propaganda para estimular suas economias, que estavam se industrializando, e para reforçar suas necessidades de expansão territorial e colonização; assim eles poderiam triunfar como os impérios do passado haviam feito” (MOURAD, s/d, p. 3).*

Essas expedições se tornaram, então, parte da política internacional/imperialista de alguns países europeus. Na maioria dos textos que tratam das primeiras pesquisas de Arqueologia Bíblica, atribui-se essas expedições à figura de religiosos, especialmente missionários. No entanto, poucos tratam, ou pelo menos enfatizam, o envolvimento de militares nessa empreitada. A partir de outro ponto de vista, pode notar-se que a presença militar teve sua relevância nesse cenário. Segundo Silberman, entre os anos de 1847 e 1883, a exploração da Palestina foi comandada exclusivamente por militares, que serviam a sociedades de pesquisa e a seus governos, coletando informações geográficas e arqueológicas, e traçando, pela primeira vez na história do Oriente Próximo, mapas “científicos” detalhados da região (SILBERMAN, 1982, p. 127).

## Pioneirismo

É difícil definir, nesse cenário de cientificismo no Oriente Próximo, qual teria sido a primeira expedição de pesquisa. Disputam a primeira posição, de acordo com diversos autores (SILBERMAN, 1982, p. 12; DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 148), a “cruzada” napoleônica ao Egito, que, apesar de ter sido uma legítima batalha militar, trouxe consigo, além das tropas francesas, os mais destacados cientistas, engenheiros, naturalistas, orientalistas e antiquários, formando uma comissão científica e artística: Edward



Daniel Clarke (1769-1822), professor de Mineralogia em Cambridge, que entrou, em 1801, na Palestina como um civil, protegido pelas Forças Britânicas, com o intuito de mapear sítios bíblicos; Ulrich Jasper Seetzen (1767-1811) que, no ano seguinte, financiado pelo duque de Sachsen-Gotha, na Alemanha, e, depois, pelo Tsar Alexandre I, além de encontrar a possível Gerasa bíblica, enviou para a Europa curiosidades da Terra Santa; por fim, Johann Ludwig Burkhardt (1784-1817), suíço, que foi estudar com Clarke e, a serviço da Inglaterra, disfarçou-se de peregrino muçulmano e iniciou uma missão para expandir a influência britânica na região. Em 1812, localizou Petra, tarefa em que Seetzen teria falhado. Depois da morte de ambos, parte da idealização romântica pelas expedições foi desaparecendo.

Mais tarde, entre os anos de 1838 e 1852, os norte-americanos Edward Robinson (1794-1863), do *Union Theological Seminary*, e o Reverendo Eli Smith, membro da *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, fazem viagens pela Palestina, nas quais mapeiam sítios bíblicos, identificando-os a partir de seus nomes árabes. Apesar de seu levantamento sistemático da superfície e de seus estudos histórico-geográficos preocuparem-se principalmente com ruínas relacionadas ao período romano e a períodos posteriores, Robinson é considerado o “pai da Arqueologia Bíblica”. Os resultados de suas pesquisas, que alimentaram o interesse pela topografia da região, foram publicados, em 1841, como *Biblical Research of Palestine*, e, em 1856, como *Later Biblical Researches*. No primeiro, Robinson justifica seu interesse pela pesquisa da seguinte forma:

*Como aconteceu com muitos de meus conterrâneos, especialmente na Nova Inglaterra, as cenas da Bíblia tinham grande impacto sobre minha mente desde a mais tenra idade; mais tarde, nos anos de maturidade, esse sentimento crescia a ponto de se transformar num forte desejo de visitar pessoalmente aqueles lugares tão memoráveis para a história da raça humana. De fato, talvez em nenhum outro país do mundo esse sentimento tenha se difundido de maneira tão ampla quanto na Nova Inglaterra. (MOOREY, 1991, p. 15 apud DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 148)*

## A institucionalização da exploração

Na segunda metade do século XIX, foram fundadas diversas sociedades em toda Palestina para consolidar interesses, controlar e promover as pesquisas “científicas” na região. A primeira delas, de 1865, é o britânico *Palestine Exploration Fund*. Entre seus fundadores, destacam-se o arcebispo de Iorque, o presidente da *Royal Geographic Society* e alguns industriais milionários. A Rainha Vitória teria contribuído para o nascimento da organização com uma doação de 150 libras (ver, entre outros, DAVIS, 2004, p. 13). A proposta do Fundo era a de promover pesquisas científicas sobre “Arqueologia, Geografia, Geologia e História Natural da Palestina, para interesses nacionais e religiosos. No entanto, em seu prospecto, o interesse pela região justifica-se da seguinte forma: “nenhum país deveria ser de tanto interesse para nós quanto aquele no qual os documentos de nossa fé foram escritos e os eventos importantes que eles descrevem representados” (apud BROSHI, 1987, p. 6). Sua primeira tarefa foi designada a Charles Wilson, oficial da *Royal Engineers* e a segunda ao seu colega Charles Warren. O Fundo faliu em pouco tempo, pois as expedições eram muito custosas e o esperado retorno teria tardado a chegar.

Em 1870, surgiu a também inglesa *Society of Biblical Archaeology*, com o intuito de

*[...] de investigar a arqueologia, a cronologia, a geografia e a história, antiga e moderna, da Assíria, da Arábia, do Egito, da Palestina e de outras terras bíblicas; de promover o estudo das*



*antiguidades desses países; e de preservar um registro contínuo de descobertas, agora ou num porvir que está para se desenrolar.* (BIRCH, 1872, p. II-III *apud* DAVIS, 2004, p. 19)

Em seguida, vieram as germânicas *Deutscher Verein zur Erforschung Palästinas*, de 1877, e a *Deutsche Orient-Gesellschaft*, de 1898. A última foi fundada para conduzir escavações na região, logo após a visita do Imperador Guilherme a Jerusalém, quando conseguiu do Império Turco-Otomano autorização para promover escavações (DAVIS, 2004, p. 36).

Em 1890, os franceses fundaram a *École pratique d'Études bibliques du Couvent Saint-Étienne* na própria cidade de Jerusalém. Com isso, tornava-se "o mais antigo centro de pesquisa bíblica e arqueológica da Terra Santa na região". A despeito de consolidar, em Jerusalém, um espaço de influência francês, a justificativa da localização foi a de permitir o trabalho *in situ*: Lá, a Bíblia seria estudada no contexto físico e cultural em que foi escrita (a união do monumento e do documento, dizia o padre Lagrange: a arqueologia e a exegese dos textos. Num primeiro momento, a École consagrou-se como centro de referência em traduções. Além da publicação de 42 obras e de 682 artigos científicos, a equipe francesa foi responsável pela famosa tradução das *Escrituras* intitulada *Bíblia de Jerusalém*, em 1956.

Díaz-Andreu, referindo-se a discussões promovidas por Nadia Abu el-Haj (2001) e Neil Silberman (1982), apresenta ao Fundo de Exploração da Palestina a seguinte crítica, que pode ser estendida a todas as expedições:

*[...] Mapeamento e imperialismo entrecruzavam-se, como aconteceu em tantas outras partes do mundo colonial. No entanto, o fazer mapas envolvia a produção do conhecimento, nesse caso, não só conhecimento imperialista, mas também do entendimento religioso do território. Populações locais árabes eram desapossadas de sua própria história, ao serem selecionados de seus nomes de lugar aqueles que sugeriam uma topografia mais antiga, judaico-cristã. Não se registravam os nomes árabes por causa de seu valor intrínseco, mas graças a suas raízes hebraicas e cristãs.* (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 150)

## Arqueologia propriamente dita?

A escavação do inglês William Matthew Flinders Petrie, em Tell el-Hesi, em 1890, pelo *Palestine Exploration Fund*, é considerada um momento de inflexão nas pesquisas (LAUGHLIN, 2000, p. 3, 5). Petrie estabelece uma seqüência cronológica, inédita, a partir da estratigrafia e da tipologia da cerâmica de origem egípcia, que ele já conhecia de expedições anteriores, o que hoje chamaríamos seriação (BAHN, 1999, p. 148)

Depois de Robinson, os Estados Unidos fizeram uma primeira tentativa de estabelecimento de pesquisas na região. Em 1870, fundaram a *Palestine Exploration Society*, que desapareceu devido à falta de recursos capazes de permitir o avanço das pesquisas. Seguindo a proposta missionária herdada de Robinson, o objetivo primeiro dos norte-americanos era defender a infalibilidade bíblica em detrimento do ceticismo cientificista:

*O trabalho proposto pela Palestine Exploration Society apela ao sentimento religioso comum de cristãos e judeus ... A grande importância de seu trabalho põe-se a favor da Bíblia, ilustrando e defendendo-a. O ceticismo moderno ataca a Bíblia no que diz respeito à realidade, à questão dos fatos. Portanto, tudo que se destina a verificar a história da Bíblia como real, no tempo, no lugar e nas circunstâncias, é uma refutação à incredulidade ... O conselho do Fundo sente que eles têm, em sua custódia, um serviço sagrado para a ciência e para a religião.* (SHAW, 2002, p. 61 *apud* DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 151)



Uma nova tentativa levou à criação da *American School of Oriental Research (ASOR)*, em 1900. Financiada pelo banqueiro americano de confissão judaica Jacob Schiff, a ASOR promoveu sua primeira expedição, cujo destino foi a Samaria, entre os anos de 1908 e 1910. Apesar dos problemas econômicos, a *American Biblical Archaeology* conseguiu sobreviver, em parte, graças à sua aproximação com as organizações européias. Antes de criar sua própria zona de influência, os membros da ASOR participaram tanto do *Palestine Exploration Fund* como da *Society of Biblical Archaeology*.

Segundo alguns estudiosos, a ASOR teria tido uma proposta mais secular. A questão missionária não seria seu principal objetivo, pois o foco dessa instituição era o Oriente Próximo, não a *Bíblia*. Davis defende que essa “natureza secular” foi o que garantiu a sobrevivência da ASOR, pois não se preocupava com o fato de que os resultados de suas pesquisas pudessem desafiar a narrativa bíblica, o que teria atraído arqueólogos que não tinham interesse religioso, afinal (DAVIS, 2004, p. 41). Entretanto, não é possível negar que os Estados Unidos também tinham interesses políticos no território.

## Arqueologia bíblica e as grandes guerras

A maioria das narrativas da trajetória da Arqueologia Bíblica divide as pesquisas de acordo com as duas Grandes Guerras. Faremos o mesmo aqui. Até a II Guerra Mundial, o grande destaque coube à Inglaterra, à Alemanha, à Áustria e à França, com alguma participação norte-americana. Nesse momento, consolidou-se o interesse pela área, e a Arqueologia Bíblica tornou-se, de fato, uma disciplina.

Assim, apenas no período entre guerras, as pesquisas norte-americanas começaram a dominar o cenário. O destaque ficou para William Foxwell Albright, que, na década de 1920, tornou-se presidente da ASOR e entusiasta de suas campanhas. Hoje, Albright, apesar de não ser arqueólogo de formação, é considerado o “padrinho” da disciplina nos Estados Unidos, graças a suas contribuições metodológicas e epistemológicas.

Os Estados Unidos mantiveram, então, posição de destaque na disciplina – assim como se destacavam também como potência política mundial – até o processo de formação do Estado de Israel. No entanto, outros países ainda continuaram com seus trabalhos, ligados ao Departamento de Antiguidades da Palestina, que estava sob administração britânica.

Nesse período, as técnicas de escavação priorizavam a exposição de grandes áreas. Eram, na maioria, escavações em larga escala, com o objetivo de fornecer o máximo possível de informações, como aconteceu nos sítios de Beth-Shean, Meguido, Tell Beit Mirsim e em ruínas do período romano e bizantino (MAZAR, 2003, p. 33).

Os projetos da ASOR, em particular, eram de pequeno porte, porque ela ainda não possuía os recursos suficientes para competir com as escavações promovidas pelas instituições européias, principalmente durante a direção da Inglaterra no Departamento de Antiguidades. Entretanto, havia outras escavações norte-americanas, de grande escala, independentes da ASOR.

Albright, quando esteve na presidência da ASOR (1919-1929), recebeu apoio, até mesmo financeiro, de Melvin Grove Kyle, diretor do Seminário St. Louis. Essa verba foi definitiva para que a instituição pudesse continuar nas disputas em relação às demais pesquisas. Mas, ainda assim, a ASOR passava por dificuldades financeiras, e Albright inaugurou uma nova frente de pesquisas, menos custosas, em sítios menores. Os resultados de Tell el-Fúl (1922-1923 e 1933), Betel (1927) e Tell Beit Mirsim (1926-1932) foram, por vezes, mais produtivos que a pesquisa nos grandes assentamentos. Além disso, ele transformou as escavações em escolas a céu aberto, o que diminuiu os custos, ampliou o



leque de participantes, garantiu mão-de-obra especializada e, ainda, estreitou relações com os povos locais.

A grande contribuição metodológica de Albright foi a possibilidade de datação através do estudo comparativo das cerâmicas, relacionando-a à estratigrafia. Assim, tornou-se possível datar com mais precisão as camadas, o que anteriormente era feito tendo como base a arquitetura. Ele formulou, também, um padrão para as publicações arqueológicas em seu primeiro relatório da escavação em Beit Mirsim, que não ficou restrito à ASOR (MAZAR, 2003, p. 35). Inspirando-se nas expedições de Robinson, Albright mescla, no trabalho de campo, pesquisas geográficas e históricas, cuja ênfase recaía sobre a topografia, com outros estudos genéricos sobre o Oriente Próximo.

Posteriormente, diversos projetos inspiraram-se nos ensinamentos de Albright, e vários trabalhos ligados à teologia, de motivação exclusivamente religiosa, foram desenvolvidos – alguns até orientados pelo próprio arqueólogo. Dentre eles, Mazar (2003, p. 35) destaca Tell en-Nasbe (sob a direção de F. Badé, entre 1925 e 1927), Bet-Sames (dirigidas por E. Grant, de 1928 a 1933), Silo (pelos dinamarqueses Schimidt e Kjaer, entre 1922 e 1932). Pode-se dizer que a escavação de Nelson Glueck, em Tell el-Kheleifeh, nos anos de 1938 a 1940, foi o primeiro trabalho nos moldes da escola albrightiana, levado a cabo por um discípulo proeminente de Albright.

A Inglaterra, na direção do Departamento de Antigüidades, também teve importância especial nessa fase, por ter aplicado métodos e abordagens independentes. Petrie volta ao trabalho de campo na Palestina depois de 33 anos, com a primeira tentativa de um estudo de caráter regional, nos sítios de Tell Gemme (1926-1927), Tell el-Fâr'a, parte sul (1927-1929), e Tell el-'Aggiul (1930-1934).

Num trabalho de colaboração internacional entre instituições norte-americanas e arqueólogos britânicos e de confissão judaica, Kathleen Mary Kenyon tem a oportunidade de aperfeiçoar as técnicas de campo que havia aprendido com seu mestre, Mortimer Wheeler. Com isso, ela se torna “[...] pioneira, ao lado de Sir William Matthew Flinders Petrie, George A. Reisner e Clarence Fisher, na introdução de métodos de estratigrafia nas escavações arqueológicas, com seções delineadas, em sítios antigos, no Oriente Médio” (HOLLAND, 2004, p. 762). O método, que ficou conhecido como Wheeler-Kenyon, propõe uma análise do conteúdo de cada estrato através de um corte vertical. Dessa forma, seria possível trabalhar com a relação entre as camadas e obter mais informações que a exposição em grande escala, proposta pela chamada “escola arquitetural” (MAZAR, 2003, p. 45), baseada na metodologia de Reisner e Fisher. Com essa nova metodologia, mais tarde, numa escavação que ela própria dirigiu em Jericó, Kenyon apresenta uma análise completamente discordante de todas as pesquisas anteriores no mesmo sítio.

## Conclusão

Desde seus inícios, a Arqueologia Bíblica esteve envolvida em duas encruzilhadas. Por um lado, surgia como parte da busca de confissões ocidentais, protestantes, católica e judaica, em busca da comprovação do relato bíblico e, por outro, estava no bojo da expansão imperial das potências da época. Por outro lado, a prerrogativa da narrativa da tradição literária condicionava, de forma direta ou indireta, a pesquisa arqueológica. Apenas no período posterior à colonização surgiriam novas questões e dilemas.



## Referências

- ABU EL-HAJ, N. Translating truths: nationalism, the practice of Archaeology, and the remaking of past and present in contemporary Jerusalem. *American Ethnologist*, p. 166-188, 1998.
- BAHN, P. (Ed.). *The Cambridge Illustrated History of Archaeology*. Cambridge: CUP, 1999.
- Davis, T. W. *Shifting Sands: the Rise and Fall of Biblical Archaeology*. Nova Iorque: OUP, 2004.
- DÍAZ-ANDREU, M. *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism and the Past*. Oxford: OUP, 2007.
- HOLLAND, T. A. Kenyon, Kathleen Mary (1906-1978). In: T. MURRAY (Ed.), *Encyclopedia of Archaeology: History and Discoveries* (Vol. I, p. 762-763). Nova Deli: Bhavana Books and Prints, 2004.
- JONES, Siân. Nationalism, Archaeology and the Interpretation of Ethnicity: Israel and Beyond. *Anthropology Today* 10(5), p. 19-21, out. 1994.
- LAUGHLIN, J. C. *Archaeology and the Bible*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2000.
- Mazar, A. *Arqueologia na Terra da Bíblia: 10000-586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003.
- MOURAD, T. O. *A historical drama of the Near Eastern heritage in three acts, and an epilogue on lessosn and solutions for present development*. [s.d.]
- RODRIGUES, M. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, p. 195-203, set. 1995.
- SILBERMAN, N. A. *Digging for God & Country: Exploration, Archaeology, and the Secret Struggle for the Holy Land, 1799-1917*. Nova Iorque: Alfred A Knopf, 1982.
- SILBERMAN, N. A. *Between Past and Present: Archaeology, Ideology and Nationalism in the Modern Middle East*. Nova Iorque: Anchor Books, 1989.
- SILBERMAN, N. A. (1998). Whose game is it anyway? The political and social transformations of American Biblical Archaeology. In: L. MESKELL, *Archaeology under fire: Nationalism, politics and heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East*. Londres; NOva Iorque: Routledge, 1998, p. 175-188.
- WHITELAM, K. W. *The invention of ancient Israel: the silencing of Palestinian history*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1997.

## Agradecimentos

Agradecemos a Margarita Díaz-Andreu, Siân Jones e Neil Silberman. Mencionamos o apoio institucional da FAPESP, CNPq, Departamento de História da Unicamp, Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp). A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

\* Mestranda em História, Unicamp, bolsista da FAPESP. Email: gab.rodrigues@gmail.com.

\*\* Professor Titular do Departamento de História, Pesquisador do NEPAM, Unicamp. Email: ppfunari@uol.com.br.

